

---

## **POVOS INDÍGENAS DO NORDESTE: vivências e experiências**

---

A Campiô (Revista de Estudos Indígenas de Alagoas) chega ao seu Volume 2, número 1, em um período de esperanças renovadas, a despeito dos retrocessos vivenciados nos últimos quatro anos de (des)governo do Brasil. Ao invés de sucumbir às agitações provocadas pela onda conservadora, reacionária e preconceituosa experimentada nas universidades públicas com os inúmeros ataques e asfixias orçamentárias, a mencionada Revista resistiu prestando um relevante papel social, servindo como instrumento de reafirmação de compromissos estabelecidos entre a Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e as mobilizações dos povos indígenas de Alagoas pelo reconhecimento de direitos garantidos na Constituição Federal de 1988, encontrando novos direcionamentos no mar de agitações em que o Brasil esteve imerso até recentemente.

Organizar e publicar o primeiro número do novo volume de uma revista científica muito significativa para a Educação Superior pública no interior de Alagoas, no entanto, não é tarefa simples e depende da colaboração de atores que, muitas vezes, atuam nos bastidores reunindo os textos submetidos para avaliação, enviando-os aos avaliadores, diagramando-os e realizando outras atividades inerentes ao processo editorial.

Nesse sentido, antes de qualquer apresentação formal aos artigos publicados, agradecemos ao professor Dr. José Adelson Lopes Peixoto (UNEAL), Editor Chefe da Revista Campiô, pelo trabalho incansável à frente da Revista, bem como, por ter nos convidado para a desafiadora e instigante tarefa de organizar um dossiê temático. Ademias, é salutar agradecer aos membros do Grupo de Pesquisas em História de Alagoas (GPHIAL), pois, mesmo no período de férias acadêmica e sem qualquer financiamento, contribuíram na sistematização e organização do material publicado. Por fim, agradecemos aos/as pareceristas anônimos/as da Revista por terem, criteriosamente, avaliado as propostas submetidas e emitido pareceres muito importantes para a proposta do dossiê.

Para essa edição, o dossiê “Povos indígenas do Nordeste: vivências e experiências” recebeu, exclusivamente, trabalhos resultantes dos *anais* do XI Abril Indígena e do IV Estudos Cooperados do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND/UNEAL), realizados em julho de 2022. Ao todo, o volume reúne oito artigos, inclusive de pesquisadores/as indígenas, e está organizado da seguinte forma:

No primeiro, os professores José Adelson Lopes Peixoto e Brunemberg da Silva Soares discutem o Museu Xucurus de História Artes e Costumes, localizado em Palmeira dos Índios, como importante subsídio para o ensino de História Local, destacando diferentes perspectivas e possibilidades de construção do conhecimento histórico a partir de espaços museais.

Em seguida, os professores Siloé Soares de Amorim e Yuri Franklin dos Santos Rodrigues abordam temas importantíssimos para a constituição da identidade étnica dos Jiripankó no Alto Sertão de Alagoas. Enfatizando conceitos como: “tradição”, “patrimônio”, “relações inter-étnicas”, dentre outros, os pesquisadores entrecruzaram dados históricos e pesquisas de campo com lideranças indígenas para demonstrar como, cotidianamente, o citado povo indígena convive com os processos de reelaboração identitária, sendo necessário refletirmos sobre as noções de patrimônio a partir da noção de “ciência da tradição” do povo Jiripankó.

Utilizando sólido amparo documental, principalmente dos acervos do GPHIAL, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), além de muitos registros realizados em campo desde 2018, os pesquisadores Vinícius Alves de Mendonça e Pedro Abelardo de Santana apresentaram e discutiram metodologias e fontes históricas que deverão ser utilizadas por aqueles que pretenderem estudar o povo indígena Kalankó, do Alto Sertão de Alagoas, a partir de novas lentes e em diálogo com outras áreas do saber científico, tais como antropologia e literatura, por exemplo.

Na sequência, José Adelson Lopes Peixoto e Vinícius Fernandes Costa Ferro problematizam os conceitos de “direito” e “identidade” sobre os povos indígenas no Brasil. Chamou atenção o balanço jurídico realizado pelos mencionados pesquisadores, enfatizando as mobilizações indígenas, principalmente no Nordeste, como fator preponderante para a construção e promulgação da Constituição Federal de 1988, com artigos específicos sobre os direitos dos povos indígenas no Brasil, constantemente ameaçados por setores reacionários e preconceituosos associados ao agronegócio.

Voltando às discussões sobre os povos indígenas do Alto Sertão de Alagoas, o professor José Adelson Lopes Peixoto e a pesquisadora indígena Letícia Alves Valentim, apresentaram e discutiram sobre o ritual das Corridas do Umbu do povo Katokinn, um dos rituais mais importantes para a afirmação étnica, utilizado como símbolo do reconhecimento oficial, ocorrido entre os anos 2000 a 2002.

O texto seguinte, escrito pelas profas. Vânia Rocha de Paiva Fialho e Souza e Maria da Penha da Silva, problematiza mobilizações políticas, formação profissional e condições de trabalho vivenciadas por docentes indígenas em Pernambuco. No decorrer do artigo, as autoras

demonstraram como escolas, universidades e outras instituições de ensino que atuavam em defesa do Estado foram apropriadas e ressignificadas por professores/as indígenas, ao expressarem protagonismos e resistências como fios condutores para cobrarem formações docentes específicas e melhores condições de atuação profissional.

Em outro artigo, Larissa Nascimento dos Anjos, Maria Hortência César de Góis e José Adelson Lopes Peixoto, problematizam a criação da Lei 11.645/2008 e o ensino da temática indígena nas escolas, apresentando discussões necessárias para a desconstrução de visões equivocadas e estereotipadas sobre os povos indígenas no Brasil a partir de demandas e cobranças amparadas em legislação específica.

No oitavo artigo do dossiê, a professora Gisely Martins da Silva e as pesquisadoras indígenas Angélica Maria Silva dos Santos, Eimyslene Ferraz de Melo Santos abordam a historicidade educacional do povo indígena Koiupanká, no Alto Sertão de Alagoas, evidenciando a participação de lideranças e indígenas mais velhos nos processos históricos de uma educação escolar diferenciada, tendo em vista os limites, desafios e possibilidades para efetivá-la nas aldeias.

Feita a apresentação dos textos, gostaríamos de enfatizar, mais uma vez, a importância da Revista Campiô como referência científica na publicação de artigos científicos sobre os povos indígenas em diferentes contextos situacionais. Exemplo muito evidente de como as universidades públicas e gratuitas suportaram, sem desânimo, o obscurantismo propagado pela onda reacionária que estagnou o país nos últimos anos. Nosso intuito com o dossiê “Povos indígenas do Nordeste: vivências e experiências” foi contribuir para repensarmos os papéis de agentes históricos indígenas que foram invisibilizados desde o período colonial, apesar das impagáveis contribuições para a formação e consolidação do Estado nacional. Assim, convidamos e incentivamos a leitura dos artigos que compõe esse dossiê.

Palmeira dos Índios, primeiro semestre de 2023.

Adauto Santos da Rocha (UFRRJ)

Deisiane da Silva Bezerra (UFRPE)